

Caso de Ensino na formação de professores: quando a narrativa de uma adolescente provoca a reflexão/ formação

Teaching Case in teachers training:
when a teenager's narrative provokes reflection/training

Ádria Maria Ribeiro RODRIGUES¹
Maria da Graça Nicoletti MIZUKAMI²
Simone Albuquerque da ROCHA³
Isa Mara Colombo Scarlati DOMINGUES⁴

Resumo

A literatura tem os Casos de Ensino como instrumentos de grande repercussão, quando adotado na formação de professores. O estudo, fundamentando-se na abordagem qualitativa, objetivou investigar a adequação do Caso *Minha história verdadeira*, de uma adolescente, para potencializar reflexões e discussões sobre a prática docente e sobre a construção do conhecimento pedagógico geral, conhecimento pedagógico do conteúdo e o conhecimento de conteúdo específico junto a professores alfabetizadores. Os resultados apontaram que a narrativa do Caso de Ensino atingiu ao objetivo proposto, contribuindo para o desenvolvimento profissional dos professores alfabetizadores.

Palavras-chave: Casos de Ensino. Formação de Professores. Alfabetização.

Abstract

Literature sees Teaching Cases as major tools in teacher training. Under a qualitative approach, this study investigated whether the Teaching Case *My true story*, written by a teenage girl, would foster reflections and discussions about teaching practice and the construction of general pedagogical knowledge, pedagogical knowledge of content, and knowledge of specific content with writing/reading teachers. The results showed that the narrative of the Teaching Case reached its goal, contributing to their professional development.

Keywords: Teaching Cases. Teachers Training. Reading and Writing Teaching.

-
- 1 Mestrado em Educação/PPGE/UFMT. Grupo de pesquisa Investigação, professora do Centro Educacional Khalil Zaher em Rondonópolis/MT. E-mail : <adriaribeiro12@hotmail.com>.
 - 2 Pós-doutorado em Educação na Santa Clara University, Califórnia, professora titular da UFSCar e professora adjunto III da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP. Líder do grupo de Estudo e Pesquisa Formação de Educadores e Políticas Públicas/Mackenzie e do grupo Formação básica e continuada de professores/UFSCar. Email: <gramizuka@gmail.com>.
 - 3 Doutorado em Educação/PUC-SP, líder do grupo de pesquisa Investigação, professor associado III da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT/PPGEdu. E-mail: <sa.rocha@terra.com.br>.
 - 4 Doutorado em Educação na UFSCar. Grupo de pesquisa Investigação. Professor adjunto II da Universidade Federal de Goiás-UFG/Regional de Jataí. E-mail: <isa.scarlati@gmail.com>.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 26	n. 61	p. 13-30	jan./abr. 2017
----------------	--------	-------	-------	----------	----------------

O presente trabalho situa-se na discussão sobre o insucesso escolar na alfabetização e letramento, problema vivenciado por inúmeras meninas e meninos que frequentam a escola brasileira, e sobre a formação de professores alfabetizadores que vivenciam cotidianamente essa situação. O artigo pretende também analisar a base de conhecimento de professores alfabetizadores a partir da leitura da narrativa de uma adolescente do sexto ano de escolaridade que vive o insucesso escolar. Temos presenciado muitos desses alunos apenas decodificando os signos linguísticos, demonstrando uma compreensão literal dos textos lidos e, ainda outros, sem conseguirem sequer codificar e decodificar a língua escrita. Esse tem sido um dos desafios pelo qual os professores dos anos finais do ensino fundamental se deparam em grande parte das escolas brasileiras, que têm encontrado dificuldades históricas no que se refere à qualidade da aprendizagem de seus alunos. Vemos um grande número de adolescentes que não consegue fazer o uso das habilidades da leitura e da escrita na sua vida e, conseqüentemente, vivenciando o insucesso escolar. Efetivamente, não temos conseguido alfabetizar letrando.

Nesse artigo apresentamos a narrativa de uma menina adolescente, denominada D na pesquisa, sobre seu insucesso na leitura e escrita, destacando dois aspectos em que se deu seu uso: o primeiro, adotado como investigação-formação por ocasião da pesquisa de mestrado de uma das autoras no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT), desenvolvida em uma escola pública em Rondonópolis/MT, em (2009). O segundo, quando esse mesmo caso é inserido em um fórum *online* em que professoras alfabetizadoras participam do curso de *Casos de Ensino e Teorização de Práticas Pedagógicas – professores alfabetizadores*, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a partir do Caso de Ensino, por ocasião de uma pesquisa de doutorado de outra autora, igualmente nessa universidade em (2013). O que há de comum nos dois casos é que as pesquisadoras participam do mesmo grupo de pesquisa em Mato Grosso e as orientadoras desse estado e de São Paulo articulam-se nas pesquisas com Casos de Ensino, ora como banca e ora como orientadoras nas pesquisas desenvolvidas. Assim, há uma sintonia entre as autoras e orientadoras das pesquisas que se reflete nas produções e na escrita deste artigo.

Nosso propósito, na pesquisa, foi dar visibilidade à base de conhecimento das alfabetizadoras, ao refletirem, por meio das respostas do Caso de Ensino *Minha História Verdadeira*, narrado pela menina D, sobre uma situação didática de análise da língua escrita, a partir dos eixos que envolvem: conhecimento de conteúdo específico, conhecimento pedagógico geral e conhecimento pedagógico do conteúdo (SHULMAM, 1986, 1987).

Relatando sobre a pesquisa com o Caso de Ensino da adolescente D

O relato, narrativa escrita pela adolescente D, do sexto ano da rede pública de Rondonópolis/MT, foi produzido e coletado na escola, por ocasião da pesquisa-formação desenvolvido na pesquisa de mestrado (2009), no PPGE/UFMT.

No processo de intervenção feito pela pesquisadora a menina que não sabia ler, passa a ser foco das atenções, quando então a investigação parte para um estudo mais profundo da trajetória escolar da adolescente, em todas as escolas por onde passou, procedendo a entrevistas com seus ex-professores e à leitura dos relatórios avaliativos desenvolvidos desde o primeiro até o sexto ano do Ensino Fundamental.

A partir de então, a pesquisadora procede à análise dos caminhos de insucesso da adolescente, sendo que estes subsidiam a implementação de ações para novos e diferenciados investimentos em leituras prazerosas e significativas.

O acompanhamento da mestrandia do PPGE/UFMT, do grupo de pesquisa Investigação, com experiência de 28 anos em alfabetização, durou oito meses, tempo esse necessário para contribuir na transformação do cenário vislumbrado, mediando as aprendizagens da leitura e da escrita, ou seja, auxiliando a adolescente na consolidação do processo de alfabetização e letramento. Durante o processo de intervenção, houve inúmeros incentivos à escrita e à leitura e os níveis apresentados pelos alunos, assim como suas escritas, foram respeitadas.

A pesquisadora/alfabetizadora apropria-se, então, da narrativa da menina e constrói um Caso de Ensino, percebendo grande potencialidade para promover reflexões sobre as práticas de professores alfabetizadores e de Língua Portuguesa.

Os Casos de Ensino são considerados também como uma metodologia de formação, constituindo-se em elementos provocadores de reflexões. Mizukami (2000) vale-se de Schulman para definir Casos de Ensino:

[...] tem uma narrativa, uma história, um conjunto de eventos que ocorrem num tempo e num local específicos. Inclui, provavelmente, protagonistas humanos, embora não seja necessário que isso ocorra. Em geral, essas narrativas de ensino têm certas características partilhadas: têm um enredo - começo, meio e fim - e talvez uma tensão dramática, que deve ser aliviada de alguma forma, são particulares e específicas; colocam eventos no referencial temporal, espacial - são localizadas situadas; revelam trabalho de mãos, mentes, revelam motivos, concepções, necessidades, falsas concepções, frustrações, ciúmes, falhas humanas; refletem os contextos sociais e culturais nos quais cada evento ocorre. (MIZUKAMI, 2000, p. 151).

O procedimento utilizado foi o de submeter o texto, elaborado pela adolescente, à leitura dos professores alfabetizadores, seguido de algumas indagações, conforme a metodologia dos Casos de Ensino.

Mizukami (2000) comenta sobre o tema, afirmando que o conhecimento de Casos de Ensino

[...] é conhecimento de eventos específicos, bem documentados e ricamente descritos. Os casos, por si sós, são relatos de eventos, ao passo que o conhecimento que eles representam é que faz deles casos. (MIZUKAMI, 2000, p. 151).

Os professores, ao responderem sobre questões da docência e da própria prática, expõem por escrito internalizações e rotinizações de suas ações para que dali possam fazer as leituras implícitas do não dito.

A seguir apresentamos a narrativa da menina D.

Minha História Verdadeira – Caso de Ensino da adolescente D

Meu nome é D e eu gosto de estudar, ler gibi. Eu gosto de comer chocolate, bolos e bolachas recheadas de sabor morango.

Eu tenho treze anos, moro na Vila Mineira e tenho nove irmãos. Três moram comigo e seis moram em outra casa, porque eles já são grandes. Os irmãos que moram comigo chamam L, M, M, R e S.

A minha vó A e a minha mãe G e meu padrasto R também moram comigo.

O meu pai chamava L. Quando eu e meu irmão M.R éramos pequenos ele foi trabalhar e teve uma briga do amigo dele e o tiro acertou nele. Foi um monte de família minha lá e teve um velório que foi lá em casa.

Quando eu cresci mais a minha mãe me contou o que aconteceu com meu pai.

Todos os dias eu levanto às cinco e meia e às vezes seis e quarenta e cinco, tem vez que seis e vinte. Vou pra escola com a minha amiga J, não tomo café porque a minha avó não levantou.

Chega na escola a gente faz a tarefa que a professora manda. Depois da aula eu vou com a J e tem vez que eu vou com a L.

Chego, limpo a casa, limpo o banheiro e lavo as vasilhas, limpo a mesa e o fogão, arrumo as camas, tem vez passo roupa e tomo banho pra ir pro PETI e eu almoço. Vou para o ponto de ônibus e chego lá no PETI e cada um vai pra sala de aula, faço aula de dança e de canto.

Depois que termina o PETI eu vou assistir pica pau e logo fica de noite e eu vou assistir os Mutantes, A Favorita e Chamas da Vida.

Depois eu durmo e no outro dia, e faço as mesmas coisas, vou pra escola...

Eu gosto de ter esses livros da biblioteca, mais as historinhas da Mula sem Cabeça, do Saci, de Princesa, do Pooh, Chapeuzinho Vermelho, do Pinóquio. Eu não sabia ler muita coisa, só agora eu sei mais, algumas coisas eu sei mais. No ano passado eu não sabia ler as palavras com sílabas de três letras, como, por exemplo: também descobri, etc. Agora eu sei.

A minha mente é inteligente pra aprender matemática, geografia, ciências, espanhol, inglês.

Um dia eu estava na aula de português e a professora pesquisadora chegou e falou que era pra mim ir com ela, que ela ia me ajudar a escrever.

Eu fiquei feliz porque eu fui escolhida, eu e J As minhas amigas e meus amigos queriam participar e ficavam falando: “Chama eu também, professora pesquisadora”.

E ela falou: “Não, só a D e o J”.

Eu sentia o coração legal quando a professora da pesquisa me chamava eu e o J. A gente conversava, lia historinhas. Eu ganhei quatro gibis, e assim as coisas aconteceram.

Eu fui aprendendo a ler bem, bem e escrevem bem, bem, bem.

No começo do ano eu tinha vergonha de ler perto dos alunos porque eles ficavam rindo e fazendo gracinha falando que eu não sabia ler.

Agora eles não falam nada; eu tenho menos medo de ler perto dos alunos porque agora eu sei ler muito legal, de rachar os corações.

Depois que eu aprendi a lê eu sou só PS em todas as matérias. Eu me sinto muito feliz em ser só “Parabéns”.

A adolescente D traz em sua narrativa detalhes de quem agora pode narrar o seu cotidiano, o trabalho em casa, os programas de TV, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e conclui, prazerosamente, que sabe ler *bem, bem*, e que agora ela era só Progressão Simples (PS), diferente do conceito que a acompanhou por cinco anos, qual seja, Progressão Parcial com Apoio Pedagógico (PPAP), e hoje é só *parabéns*.

Podemos dizer que se cruzam duas pesquisas, realizadas em tempos diferentes, locais diferentes, objetivos diferentes, no entanto, complementam-se quando se trata de formação de professores alfabetizadores.

O Caso de Ensino da menina D, quando lido e explorado por professores, pode trazer contribuições ao seu desenvolvimento profissional? É o que veremos a seguir.

A adoção do Caso de Ensino da adolescente na pesquisa

O investimento na possibilidade de reverter a situação da adolescente com história de insucesso do sexto ano do Ensino Fundamental, a partir de metodologia, temas, materiais e instrumentos que fossem ao encontro de seus interesses, motivando-a à leitura e escrita, exultando em sucesso registrado na narrativa da menina, tornou-se um Caso de Ensino interessante para a formação de professores em exercício. O primeiro uso do Caso de Ensino deu-se quando uma das pesquisadoras, com experiência em alfabetização, adota o caso da Menina D para a formação do professor de Língua Portuguesa, introduzindo leituras de referencial teórico e na discussão sobre a situação complexa que envolve o insucesso/fracasso das crianças que se encontram em nível avançado de escolarização, ou seja, finalizando o Ensino Fundamental. Para tanto, faz uso da narrativa da menina D. O Caso de Ensino como procedimento de formação levou a professora a também produzir narrativas sobre as reflexões provocadas pelo caso, questionando-se sobre sua prática e decidindo resignificá-la no que diz respeito às práticas de Língua Portuguesa com adolescentes.

O Caso de Ensino da menina D foi também adotado, posteriormente, pela pesquisadora doutoranda no PPGE da UFSCar, também participante do grupo de pesquisa InvestigaÇÃO. A intervenção ocorreu por meio do curso: *Casos de Ensino e Teorização de Práticas Pedagógicas – professores alfabetizadores*, desenvolvido em um ambiente virtual de aprendizagem, com dezesseis professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º anos).

Diante desse cenário a pesquisa, então, indaga: é possível que a narrativa de uma adolescente que evidencia seu fracasso e narra episódios sobre ele, possa desencadear processos de reflexão nas pessoas que discutem e se envolvem com a educação? Como os professores apresentam o conhecimento pedagógico geral, conhecimento pedagógico do conteúdo e o conhecimento de conteúdo específico a partir das reflexões com o Caso de Ensino?

Reflexões e análises sobre o uso do Caso de Ensino na formação de professores

A narrativa foi selecionada por trazer uma proposta de pesquisa-formação que possibilitava a reflexão da prática de leitura e da prática de produção textual. Esse Caso de Ensino foi adotado com a professora da adolescente D como um processo de formação entre pesquisadora-professora, provocando profundas

reflexões sobre práticas docentes e leituras de vida dos alunos e dos textos a eles destinados. A formação da professora de Língua Portuguesa da adolescente, a partir do Caso de Ensino, foi sendo construída a cada intervenção com a pesquisadora, manifestando ser a narrativa de D propícia para provocar reflexões junto aos alfabetizadores.

A professora de Língua Portuguesa do sexto ano, ao ler a narrativa, de sua aluna, surpreendeu-se com as inúmeras dificuldades existentes em sua vida pessoal, a ponto de considerá-la uma lição de vida. A leitura foi causando certo desconforto na professora, ora pelo desconhecimento sobre a vida de D, ora pela incompreensão do desempenho de D, que se limitava às percepções exclusivamente em sala de aula, e também diante da constatação da necessidade de maior formação, justamente para melhor compreender os dilemas do professor alfabetizador e sua prática.

A respeito da necessidade de uma formação específica para o professor alfabetizador a professora de D comentou:

Alguns conhecimentos são importantes para lidar com alunos no resto do ano com dificuldades na leitura e na escrita. Creio que é necessário que o professor tenha um pouco de conhecimento e experiência sobre alfabetização; que saiba recolocar no lugar. O equilíbrio emocional, domínio de sala e dos conteúdos é necessário para se desenvolver um bom trabalho. Ter alguns embasamentos teóricos, como referencial. Gosto muito de Paulo Freire, Emilia Ferreiro, Magda Soares e outras. (Narrativa, Professora de Língua Portuguesa/2007).

É importante considerar que a intervenção, bem como todo o percurso investigativo traçado, só foi possível por conta da abertura da Professora de Língua Portuguesa da escola pública onde se desenvolveu a pesquisa. Seus saberes de alfabetizadora e sua trajetória profissional nos anos iniciais foram determinantes para o olhar mais sensível em relação ao sujeito da pesquisa e, também, para a compreensão da investigação realizada.

Na reflexão da Professora de Língua Portuguesa, os saberes da alfabetização, o conhecimento metodológico e a experiência prática, ou seja, os saberes da base de conhecimento, são fundamentais para uma prática docente exitosa.

Os Casos de Ensino são possibilitadores de reflexões, pois trazem para a cena principal o panorama detalhado dos dilemas cotidianos enfrentados pela menina, a qual vive o insucesso escolar. Acerca disso foi possível observar como a professora de D ressignificou sua leitura sobre o insucesso ao mencionar que:

[...] no início ela era sempre uma menina tímida, ficava sempre quietinha em seu lugar, não tinha amizade com os colegas, sofria discriminação por parte de alguns colegas quando era proposta atividade em grupo, não saía do lugar. Hoje é totalmente o oposto, ela participa de todas as atividades, não só copiando. Questiona. O trabalho desenvolvido com D só me fez crescer. Poder olhar para ela e os demais alunos com os olhos do coração, e conhecer as histórias de cada um, ter respeito, paciência, equilíbrio emocional e afetivo, pois cada um faz a diferença em nossa vida. (Narrativa, Professora de Língua Portuguesa/2007).

Na fala da professora foi possível constatar a transformação da menina, pois percebia nos olhos do outro (da professora e dos colegas) o reconhecimento de sua condição de leitora. Rompeu com o silêncio, experimentando o mundo por meio das palavras.

Ao ler a narrativa de D, trazendo à memória os momentos das aulas desde o início do ano, a professora refletiu sobre a sua transformação emocionando-se.

O trabalho realizado na perspectiva de contribuição social com a criança da classe popular e com o professor da escola pública de periferia foi um dos compromissos políticos que a pesquisa assumiu.

Quanto a isso a professora revelou que:

E você, professora pesquisadora, contribuiu muito. Trabalhar com essa menina, foi uma aprendizagem constante. E foi você a professora que me fez ter um olhar diferenciado com ela e os demais alunos. Isso me fez refletir sempre sobre a minha prática pedagógica. Fez muita diferença em minha vida, na minha prática pedagógica. [...] atribuo esse avanço à professora pesquisadora, que poderia ter desenvolvido este trabalho em uma outra escola central, que também tem alunos com dificuldades de aprendizagem. Mas você escolheu uma escola periférica onde a maioria dos alunos passa por grandes dificuldades. Graças a esse trabalho desenvolvido por você, professora, essa aluna avançou tanto no seu desenvolvimento. Não só ela. Você tem contribuído muito comigo. Me ajudou a realizar um bom trabalho com esta menina e os demais alunos, ou seja, o seu trabalho refletiu em toda a escola. Obrigada por todo este trabalho desenvolvido nesta escola. Deus lhe pague! (Narrativa, Professora de Língua Portuguesa/2007).

A fala da professora deu-nos a certeza de que o processo de intervenção realizado contribuiu tanto com a menina quanto com a professora, quando afirmou que a pesquisa fez muita diferença em sua vida e em sua prática docente.

Considerando que os Casos de Ensino podem ser adotados com múltiplas finalidades, diferentes grupos de professores, temáticas variadas, entre outras possibilidades, na perspectiva da, detalharemos seu uso no processo de intervenção, com professoras alfabetizadoras, na modalidade a distância. Tal processo se deu no *Portal dos Professores* da Universidade Federal de São Carlos, no curso *Casos de Ensino e Teorização de Práticas Pedagógicas – professores alfabetizadores*, com a utilização da plataforma virtual do *moodle*. Segue-se a proposta curricular da formação com Casos de Ensino.

As dezesseis professoras participantes da pesquisa foram identificadas pelas siglas *Professora1*, *Professora 2*, e assim por diante, para manter a privacidade dos sujeitos. Os recortes das falas dos sujeitos foram extraídos da leitura e análise que as alfabetizadoras fizeram do caso da menina D e do fórum de discussão, utilizando os recursos do *moodle*. Como forma de conhecer um pouco o perfil dessas professoras, no tocante às dimensões pessoal, acadêmica e profissional, apresenta-se o quadro a seguir:

Quadro 1 - Perfil das professoras alfabetizadoras que participaram da pesquisa

Idade: mínima / máxima anos	Sexo	Especialização		Experiência – docência anos	Experiência – alfabetização anos	Atuação: público / privado	Estados participantes
		Com	Sem				
26-49	F	11	5	6 (1-5) 4 (6-10) 6 (11 ou mais)	11 (1-5) 3 (6-10) 2 (11 ou mais)	1 (privado) 15 (público)	4 (SP, MG, ES, RN)

Fonte: Elaborado por Domingues (2013), a partir de dados da matrícula na UFSCar.

O processo de intervenção com os Casos de Ensino via formação continuada, em um portal virtual, foi organizado para um período de aproximadamente oito meses, com carga horária de 120 horas, distribuídas em três módulos. No que tange aos módulos, o curso foi organizado da seguinte forma: Módulo I: Conhecendo o Curso de Formação, o Ambiente Virtual de Aprendizagem e interagindo com os Professores Alfabetizadores; Módulo II: Analisando Casos de Ensino; Módulo III: Construindo Casos de Ensino.

No Módulo II, destinado exclusivamente à análise e discussão de experiências narradas por professores alfabetizadores, o mais extenso do curso de formação, as

professoras tiveram os primeiros contatos com os Casos de Ensino. Eles, então distribuídos em quatro unidades, tiveram a intenção de possibilitar a reflexão sobre diferentes momentos e situações da trajetória profissional de professores alfabetizadores e sobre o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, selecionamos Casos de Ensino próximos da realidade dos participantes para que pudessem operar melhor, ou seja, que retratassem situações da docência em que fosse possível refletir esses princípios teóricos necessários à prática de professores alfabetizadores. Entre esses Casos de Ensino, utilizamos a narrativa escrita pela menina D.

Reforçamos que nosso propósito, como uso do Caso de Ensino no ambiente virtual, foi dar visibilidade à base de conhecimento das alfabetizadoras, ao refletirem, por meio das respostas do Caso de Ensino *Minha História Verdadeira*, sobre situações didáticas de análise da língua escrita, a partir dos eixos que envolvem subsídios teóricos situados em Shulmam (1986, 1987): conhecimento pedagógico geral, conhecimento de conteúdo específico e conhecimento pedagógico do conteúdo.

- a. Conhecimento de conteúdo específico: refere-se aos conhecimentos básicos de uma área de conhecimento (matéria que o professor leciona: matemática, história, português, etc.). O conhecimento do conteúdo específico não garante que ele seja aprendido pelos alunos.
- b. Conhecimento pedagógico geral: refere-se ao conhecimento sobre o processo de ensinar e aprender, que transcende os domínios particulares da área específica de conhecimento (saber os objetivos do ensino de tais disciplinas, saber as diferentes concepções que envolvem o ensino, etc.).
- c. Conhecimento pedagógico do conteúdo: refere-se à intersecção entre o conhecimento específico e o pedagógico. Inclui a compreensão do que significa ensinar um tópico de uma disciplina específica e os princípios e técnicas que são necessários para tal ensino, ou seja, a capacidade de o professor para transformar o conhecimento que possui do conteúdo em formas eficazes de ação pedagógicas. De todos os conhecimentos, esse é o que ganha maior destaque por ser construído pela interação de outros conhecimentos, sendo o único pelo qual o professor pode assumir o papel de protagonista.

O que caracteriza um caso e o distingue de outras diferentes narrativas são as questões reflexivas e indagadoras colocadas ao final da leitura. Tais questões, preparadas para a finalidade que se quer abordar o caso, são fundamentais para o processo reflexivo e a formação dos docentes envolvidos. Nesse caso, os dados

extraídos das respostas das professoras alfabetizadoras às questões indagadoras serão apresentados por meio de siglas e números (exemplo: Caso de Ensino 3, questão 1, ou seja, CE3-1).

Inicia-se a coleta buscando elementos sobre aspectos referentes ao *conhecimento pedagógico geral*, quando se pensa sobre as características dos alunos, os contextos educativos e os fins, propósitos e metas educacionais.

Esse Caso de Ensino, por apresentar a história de uma aluna sobre sua trajetória de insucesso escolar, sensibilizou as professoras alfabetizadoras à medida que apontou a necessidade de enxergar a criança como ela é e a importância de práticas pedagógicas eficientes.

A partir da leitura da narrativa, a Professora 3, participante de todo processo formativo (leitura, análise e discussão via fórum), assim comenta:

Ao terminar de ler esta narrativa confesso que fiquei parada por um bom tempo, só pensando. Pensando em como muitas vezes conhecemos pouco nossos alunos, como muitas vezes não sabemos como é seu dia a dia em casa, por quais problemas passam. Foi lendo essa narrativa que fiquei pensando: muitas vezes julgamos nossos alunos ou escutamos professores relatando em conselhos de classe que fulano não consegue aprender porque não tem vontade, que o outro não aprende porque a família não ajuda e não está presente, que tal aluno só bagunça e não aprende ou que é quieto demais, não participa e também não aprende. (Narrativa, Professora 3, CE3-1, 2013).

O Caso de Ensino traz uma característica especial à medida que, por meio do relato da menina D, pode-se conhecer, além da sua história de insucesso, sua superação expressa por meio da organização da própria narrativa descrita anteriormente.

Ao mesmo tempo em que as alfabetizadoras leem e se sensibilizam com o relato da menina D, elas reconhecem a necessidade de refletir, na condição de alfabetizadoras, sobre alguns aspectos que compõem o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. A Professora 3 faz questionamentos que incorporam as angústias comuns aos alfabetizadores.

Lendo este Caso de Ensino, elenco vários pontos como importantes para refletirmos sobre esse Caso de Ensino, como: porque esta menina D, mesmo já tendo treze anos, ainda tem dificuldades relacionadas ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita? O que as escolas

que ela frequentou ofereceram ou têm oferecido para ela com o objetivo de que ela consiga sanar suas dificuldades e ter sucesso na aprendizagem? O que aconteceu durante os primeiros anos do Ensino Fundamental para que a aluna D não tenha aprendido o suficiente para participar efetivamente da sua sala de aula atual? Qual o método de ensino que foi alfabetizada? Sua situação social e financeira foi usada como desculpa para não aprendizagem? Seus professores buscaram meios para que a aprendizagem ocorresse? Os professores conheciam sua história de vida? No momento em que seu pai faleceu ajudaram a superar essa dificuldade? Será que os professores perceberam que ela gosta de estudar, que gosta de gibi, pois seria essa uma maneira de ajudá-la, trabalhando com leitura e produção coletiva de gibis, buscando ajudá-la em um reforço escolar? (Narrativa, Professora 3, CE3-2, 2013).

Todos os dados narrados colaboram para compreender melhor a aluna, suas aprendizagens e o *conhecimento de conteúdo específico*, importantes nos processos de alfabetização e letramento. Assim, a escrita da narrativa da aluna, que foi usada como instrumento de intervenção e pesquisa, também é objeto de reflexão sobre os conhecimentos da escrita. Assim, lança-se a seguinte questão: o que a menina D sabe sobre a escrita? Todas as alfabetizadoras fazem apreciações sobre a narrativa da menina, por meio da qual é possível perceber esses conhecimentos. Aqui apresentamos o que expõe a Professora 3:

A menina D apresenta uma bela narrativa, mostrando que tem conhecimentos acerca da estruturação do texto em parágrafos, sabendo expressar dentro do tema proposto, compreendendo a sequência de ideias e conseguindo escrever a narrativa com começo, meio e fim. Além dos conhecimentos sobre produção de textos podemos perceber conhecimentos relacionados à experiência de vida da menina, através de sua narrativa, mostrando-se uma criança que precisa se dedicar tanto na escola como em casa, onde precisa fazer os afazeres diários. Apesar de tudo isso ela não desiste de aprender e mesmo já tendo 13 anos tinha esperança de conseguir ler e escrever melhor, talvez até mesmo percebendo que alguns professores não acreditavam no potencial dela, mas ela acreditava, o que foi mais importante. (Narrativa, Professora3, CE3-4, 2013).

Podemos dizer que a partir dessa narrativa foi possível apontar alguns conceitos básicos de leitura e escrita que foram construídas por D: a compreensão da menina em relação às diferenças existentes entre a língua falada e a língua escrita, os sinais de pontuação, o uso de maiúsculas em início de parágrafos, bem como coesão textual, conhecimentos não demonstrados em escritas realizadas no início da investigação.

A riqueza da narrativa da menina D pode estar no fato de esse exercício de escrita fazer sentido a ela, pois se sabe que a escrita solicitada na escola muitas vezes não apresenta sentido, nem instiga no aluno o desejo de escrever. Podemos dizer também que essas análises vão além das questões linguísticas, já que o texto da menina D fornece elementos que evidenciam a influência do seu cotidiano de trabalho doméstico. Essa relação entre os saberes escolares e cotidianos nos instigam a pensar até que ponto as experiências extra escolares dos alunos podem servir de apoio para o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula.

A narrativa de D sugere reflexões nos alfabetizadores. A menina, ao mencionar suas dificuldades em relação à leitura de algumas palavras, revela práticas alfabetizadoras utilizadas nas escolas: *Eu não sabia ler muita coisa, só agora eu sei mais. Algumas coisas eu sei mais. No ano passado eu não sabia ler as sílabas de três letras, por exemplo: também - descobre etc... Agora eu sei.*

As alfabetizadoras, ao fazerem análises da fala da menina D sobre as práticas de alfabetização, discutem questões sobre os métodos. Fica evidenciado, pelos relatos, que as alfabetizadoras comungam praticamente a mesma ideia na medida em que sugerem, em algumas situações, que o método utilizado parte de palavras com menor quantidade de sílabas, partindo das denominadas sílabas simples (exemplo: *bota*, *dado*, etc.) para as complexas (*blusa*, *dragão*, etc.). Esses métodos, que utilizam a silabação, usualmente encontrados nas cartilhas, são inspirados na marcha dos métodos sintéticos (exemplo: *alfabéticos* ou *fonéticos*). Sabe-se que a utilização de um método é importante no processo de alfabetização, desde que essas práticas não retirem a oportunidade de aprendizagem dos alunos e não sejam separadas do letramento. Como diz Soares (2004) e outros estudiosos que discutem o tema, o importante é *alfabetizar letrando*.

Percebemos, de igual forma, que as discussões sobre os métodos de alfabetização e as práticas de letramento ainda estão no centro do debate sobre a aprendizagem da leitura e da escrita, já que os estudos indicam que ensino tradicional de ler e escrever apenas com práticas de codificação-decodificação é uma concepção equivocada. Assim, ressaltar a importância desses dois processos para o ensino e aprendizagem da leitura e escrita torna-se de primordial importância. Muitas alfabetizadoras entendem a necessidade de alfabetizar e letrar, mas transformar essas teorias em formas de ação parece-nos uma coisa

mais complicada e geradora de conflitos. A Professora 4 expõe um pouco desse conflito vivido por alfabetizadores.

Ao analisar este Caso de Ensino com a leitura da narrativa da menina D contribui efetivamente para reflexão da minha prática pedagógica, pois é uma narrativa que nos faz pensar: será que estou formando alunos que apenas estão passando pela escola sem aprendizagens efetivas, os quais futuramente enfrentarão dificuldades nas séries seguintes por não dominarem efetivamente as habilidades da leitura e da escrita? Digo efetivamente, pois às vezes os alunos aprendem somente a codificar e decodificar sem estarem inseridos com as práticas sociais da leitura e da escrita, tornando-se alunos com dificuldades em interpretação de textos, pois sua leitura é sílaba por sílaba, preocupando-se apenas com a decifração das sílabas do que com o contexto do que está lendo. (Narrativa, Professora 4, CE3-7, 2013).

Questiona ainda:

E eu, como professora alfabetizadora? Será que estou proporcionando uma aprendizagem efetiva ou apenas contribuindo, mesmo inconscientemente ou conscientemente, mas por não saber qual outra maneira de trabalhar, para gerar alunos que apenas estão sendo aprovados por causa da progressão continuada, mas com poucas aprendizagens? (Narrativa, Professora 4, CE3-7, 2013).

Essas indagações das alfabetizadoras geram inquietações sobre a própria formação e as políticas públicas. Acreditamos que ouvir a voz da menina sobre suas aprendizagens, por meio de sua narrativa, contribuiu para que as alfabetizadoras refletissem sobre suas práticas pedagógicas. A Professora 11 revela que:

Ler a narrativa da menina com certeza contribuiu para refletir sobre a minha prática porque eu acredito que as crianças constroem conhecimentos e que eu estou ali para mediar este processo de construção e não me sinto transmissora de um conhecimento pronto e acabado. Também acredito que quando é dada à criança a oportunidade de atribuir significado ao que está aprendendo o processo de construção deste conhecimento é mais prazeroso e tranquilo. Mas sei que nem sempre consigo dar atender as necessidades de

todos os alunos e muitas vezes não sei ao certo o que fazer para poder provocar a construção do conhecimento de cada um. (Narrativa, Professora 11, CE3-7, 2013).

Diante das análises desse Caso de Ensino não se pode desconsiderar a importância da formação de professores, para a compreensão da aprendizagem da leitura e da escrita e das dificuldades decorrentes desse processo junto aos alunos com dificuldades. Uma das alfabetizadoras faz um alerta sobre a importância de se refletir sobre a formação dos professores, pois se sabe que frente ao fracasso dos alunos

[...] a culpa geralmente recai sobre os professores das séries de alfabetização, sobre a família ou sobre o próprio aluno, sendo difícil aquele professor que reconheça que não está conseguindo lidar com esses alunos, pois lhes faltam os conhecimentos acerca do processo de alfabetização e letramento. (Narrativa, Professora 3, CE3-6, 2013).

Esse trecho retira como causa única do fracasso a criança e seu contexto social e reforça o pensamento de Rojo (2009) ao dizer que boa parte do fracasso escolar é decorrente de conflitos irresolvidos de letramentos.

Podemos extrair dessas análises momentos em que as professoras estabelecem relação entre a concepção de alfabetização e letramento, ou seja: “[...] formar um bom leitor não é apenas ensinar a junção das letras, sílabas para a formação das palavras e sim ensinar o valor social da leitura e escrita” (Professora 16, CE3-8, 2013). Assim,

[...] fica claro que a aprendizagem da leitura não é uma mera aprendizagem de decodificação, de junção de sílabas, mas sim exige um aprendizado significativo com os diferentes textos que circulam na sociedade que proporciona inclusão no nosso mundo letrado. (Narrativa, Professora 3, CE3-8, 2013).

Em relação à discussão de aspectos referentes ao *conhecimento pedagógico do conteúdo* algumas das alfabetizadoras, quando refletem sobre questões metodológicas da prática, expõem suas aprendizagens como professoras e os conhecimentos que vêm construindo sobre o uso dos métodos durante sua prática de alfabetização.

Seleciona-se o trecho de uma das cursistas para exemplificar essas práticas:

Teve alguns anos que trabalhava com o alfabeto letra por letra e via muito resultado com isso, chegava ao fim do ano com muitos alunos na hipótese de escrita alfabética

e lendo, mesmo sendo de maneira lenta. Hoje já acredito que não é preciso trabalhar letra por letra, que os alunos fazendo atividades construtivas, com a minha mediação, com as trocas entre os alunos, que o trabalho com projetos, com os diversos tipos de textos são capazes de alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, mas mesmo assim tenho dúvidas com relação se estou agindo corretamente [...] Confesso que ainda tenho muitas dúvidas com relação ao como formar realmente alunos letrados e também alfabetizados, apesar de sempre procurar cursos para me aprimorar, de estar sempre procurando me atualizar e essas reflexões dos Casos de Ensino poderão ajudar a ter uma prática melhor. (Narrativa, Professora 4, CE3-7, 2013).

Finalizamos a análise do Caso de Ensino *Minha História Verdadeira* com um trecho que demonstra a superação da menina D quando descreve, no final da sua narrativa: “*depois que eu aprendi a ler eu sou só OS*” (Progressão Simples-PS, ou seja, aprovação sem necessidade de apoio pedagógico no ano seguinte, segundo a política da Escola Ciclada de Mato Grosso).

A realidade de insucesso escolar de D poderia ter sido diferente se as concepções de aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais não fossem tão excludentes, classificatórias e perversas a ponto de estigmatizar as crianças que estão – o verbo indica um estado temporário – com dificuldades de aprendizagem. Para tanto, Rojo (2010) esclarece que:

Uma das discussões que temos feito com bastante frequência é sobre como ‘alfabetizar letrando’. Isto é, como levar nossos alunos dos anos iniciais ao domínio do funcionamento da escrita alfabética (alfabetizar) e, ao mesmo tempo, levá-los a se inserirem em práticas letradas de leitura/escuta e produção de textos orais e escritos (letrando). Uma concepção arraigada na escola que impede que nós alcancemos este duplo objetivo é que, ainda hoje, é comum encontrarmos professores alfabetizadores que creem que os alunos não podem produzir textos antes de dominarem a escrita alfabética, de estarem alfabetizados. (ROJO, 2010, p.44, grifo do autor).

Os depoimentos das professoras legitimam a contribuição da pesquisa de caráter colaborativo, ou seja, a pesquisa intervenção-ação realizada. E legitima, sobretudo, o uso dos Casos de Ensino como provocadores de reflexões e como instrumento formativo.

Os Casos de Ensino constituíram-se instrumentos reflexivos à medida que as professoras revelam que ressignificaram as suas práticas docentes a partir do momento em que conheceram a narrativa da menina D. Não é possível ler o Caso de Ensino da adolescente, sem refletir e repensar profundamente o sentido da nossa docência. Os Casos de Ensino jogaram luz sobre a voz da adolescente, mobilizando, junto às professoras da escola onde foi realizada a investigação, inquietações e reflexões sobre suas práticas. Foi também possível observar a aprendizagem coletiva por meio do processo formativo no ambiente virtual com as professoras alfabetizadoras. Conforme Marcelo (2002), a formação em ambientes colaborativos promove a interação e a reflexão coletiva dos participantes pelo caráter de compartilhar aprendizagens.

Assim, podemos afirmar que a narrativa de uma adolescente, então apresentada na pesquisa como Caso de Ensino, pode e deve ser usada como instrumento reflexivo em eventos formativos de desenvolvimento profissional da docência e se revela como importante dispositivo para a reflexão na formação de professores.

Referências

DOMINGUES, Isa Mara Colombo Scarlati. **Desenvolvimento Profissional de Professoras Alfabetizadoras em Ambiente Virtual de Aprendizagem: contribuições de casos de ensino**. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, São Carlos, 2013.

MARCELO, Carlos. Los profesores como trabajadores Del conocimiento. Certidumbres y desafios para una formacion a lo largo de la vida. **Educar**, Barcelona, n. 30,2002.p.27-56. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/educar/article/view/File/20762/20602>>. Acesso em: 23 maio 2013.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Casos de Ensino e aprendizagem profissional da docência. In: ABRAMOWICZ, Anete; MELLO, Roseli Rodrigues (Org.). **Educação: pesquisas e práticas**. Campinas: Papirus, 2000. (Papirus Educação).

_____. Aprendizagem da Docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Revista do Centro de Educação da UFSM**, Santa Maria, v. 29, n. 2, 2004. Disponível em: <www.ufsm.br/ce/revista/>. Acesso em: 1 ago. 2008.

NONO, MaeviAnabel; MIZUKAMI, Maria da GraçaNicoletti.Sobre Casos de Ensino. In: SILVA, A.; ABRAMOWICZ, A.; BITTAR, M. (Org.). **Educação e Pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos**, São Carlos: RiMa, 2004.p. 117-137.

RODRIGUES, Ádria Maria Ribeiro. **O Silêncio e a Transgressão**: contribuições das narrativas de uma menina e de um menino com trajetórias marcadas pelo insucesso na leitura e na escrita. 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Cuiabá, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SOARES, Magda Becker. **A Reinvenção da Alfabetização**. Disponível em: <www.cereja.org.br>. Acesso em: 3 mar. 2006.

_____. **Alfabetização e Letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. A escolarização da literatura Infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy et al. (Org.). **A Escolarização da Literatura**: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SHULMAN, L. S. Those Who Understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, San Francisco, p. 4-14, 1986. Disponível em: <http://www.fisica.uniud.it/URDF/masterDidSciUD/materiali/pdf/Shulman_1986.pdf>. Acesso em: 22 out. 2011.

_____. Knowledge and Teaching: foundations of the new reform. **Harvard Educational Review**, Cambridge, 57 (1), p. 1-22, 1987.

Recebimento em: 09/03/2015.

Aceite em: 17/02/2016.